

Isabela Figueiredo

A gorda

todavia

Porta de entrada

Quarenta quilos é muito peso. Foram os que perdi após a gastrectomia: era um segundo corpo que transportava comigo. Ou seja, que arrastava. Foi como se os médicos me tivessem separado de um gêmeo siamês que se suicidara de desgosto e me dissessem, no final, “fizemos o nosso trabalho, faça agora o seu e aguenta-se. Aprenda a viver sozinha”.

Com a gastrectomia deixei de conseguir comer. Bebia caldos, leite e sumos. Sentia doer o corpo e a mente. Sentia fome profunda, mas tinham-me cortado metade do estômago e o que restava era uma ferida. Nos primeiros meses perdi força e cabelo, e caminhava lentamente, adaptando-me. O meu corpo diminuía à razão de duzentos e cinquenta gramas por dia, e comecei a ficar leve, quase a levantar voo, como não me sentia desde a

infância. Subia oito andares sem ficar a arfar e podia continuar mais oito, os que fossem necessários, porque nada me detinha. Testava-me através de diversos esforços. “Vamos lá ver se consigo caminhar vinte quilómetros”, e conseguia. Não me tornei invencível. Ainda penso como gorda. Serei sempre uma gorda. Sei que o mundo das pessoas normais não é para mim. Continuo a ter o defeito, mas não se vê tanto; tornou-se menos grave. Há momentos em que me parece ter ganhado uma nova vida, como os que passaram por experiências de quase morte, viram o túnel para o outro lado, com a atraente luz branca no final, chamando-os, mas escolheram voltar. Eu também tenho escolhido, e mesmo que já ninguém me exclua, excludo-me eu, à partida. Conheço muito bem os meus limites. Aquilo a que posso aceder e o que me está vedado para sempre. Os aleijados são, como se diz dos diamantes, eternos.

A mamã morreu no ano passado, pouco depois de Bento XVI ter renunciado, logo substituído pelo Papa Francisco, homem bondoso, compreensivo, humilde, de boa cepa, aparentemente desinteressado do poder material, todo espírito: a versão

masculina da mamã. Foi o ano em que Edward Snowden revelou ao mundo que o *Big Brother* existe fora da ficção e os portugueses emigraram aos magotes para qualquer lugar do mundo onde arranjassem um salário com que alimentar os filhos e pagar as hipotecas das casas. A mim, o que me valeu foi ter emprego certo, resultante da prestação de serviço ao Estado, que depende de mim para manter os futuros eleitores na conhecida brandura de costumes que caracteriza o nosso povo. Sou professora de Filosofia numa escola problemática, onde se defende que o pensamento não interessa, apenas a ação e os resultados. Sei perfeitamente o que o Estado e a sociedade esperam de mim, e dou ou não, conforme a minha lei. Nunca consegui perder o idealismo adolescente que o senhor diretor contrariava no colégio da Lourinhã, em 1978, embora hoje reconheça a sua sabedoria prática. Não se pode dizer que 2013 tenha sido um ano desinteressante. A mamã toda a vida soube escolher as alturas certas.

Quando após a sua morte vieram os cortes da *troika* sobre a sua pensão e subsídio de invalidez, respirei de alívio por ela já não estar viva e eu não ter de lhe explicar que íamos passar a subsistir

ainda com menos, porque o nosso Governo e a União Europeia garantiam que antes tínhamos andado a viver acima das nossas possibilidades, logo éramos para exterminar. Ainda bem que a mamã não teve de assistir totalmente à derrocada da grande democracia, que se preparava para lhe cortar os meios de subsistência. Já há dois anos que eu lhe escondia que devolvia ao Estado, em IRS, parte da sua modesta pensão, que saía inteira do meu subsídio de férias. Não podia dar-lhe desgostos por medo de que a estenose na aorta, de que padecia, se agravasse, mas não seria possível esconder a realidade mais tempo. Sejamos práticos, eu pagava tantos impostos e tantas contas que já perdera a capacidade de desencantar dinheiro, de o fazer aparecer onde espreitasse. A morte da mamã foi um alívio. Ter morrido no ano passado quer dizer que ainda me viu perder os quarenta quilos, aventura iniciada dois anos antes, quando Passos Coelho entrou para o Governo. A gastrectomia não foi barata, mas pagou-se com o que economizo em alimentação. Grande orgulho dei à mamã, que partiu com a ideia de que hei de ganhar em longevidade ao papá, como tanto desejava. Tal

como ela, também eu sei escolher as alturas. Não lhe herdei apenas o grupo sanguíneo.

Estamos em 2014. A mamã foi-se. Um dia chegará a minha vez; tarde, espero, mas entretanto arrumo os armários, na mudança de estação, desdobro camisolas, observo-as, e mal acredito que era aquela roupa que me pertencia há um par de anos. As cuecas grandes e os sutiãs velhos! Pijamas enormes abandonados nas gavetas! Camisolas e calças gigantes! Tudo larguíssimo, desemparceirado, gasto, de má memória. Custa-me enfrentar o tamanho das roupas. Não quero visualizar-me metida dentro de panos que me transportam a muitos quilos e dores atrás, nem voltar a parecer uma mulher que não se consegue olhar ao espelho, mas não sou capaz de deitar fora a roupa que me vestiu, que se encostou sem vergonha ao meu corpo doce e mal tocado. Ela não se envergonha do que fui. Acredito que os objetos têm uma aura, uma relação com os seus companheiros humanos, uma vida. Tenho dificuldade em desfazer-me do que viveu na minha companhia, e a minha roupa de gorda foi paciente companheira e testemunha de sentimentos e gestos, de sucessos

e fracassos. Talvez possa oferecê-la, para que progrida na carreira com outra amiga, mas é uma brutalidade chegar junto de uma pessoa e dizer, “já que a senhora continua gorda, porque eu melhorei bastante, veja lá se estas calças lhe servem?!”. Não se faz! Ninguém quer ser lembrado pela sua deformidade. Seria como oferecer calças sem pernas a um perneto. Uma ofensa. Talvez ainda possa reciclar alguns fatos, aproveitando o tecido para confeccionar sacos da roupa suja ou panos de pó. Entretanto, guardo tudo. Guardando, ganho uns meses, dentro dos quais decidirei o que fazer aos trapos larguíssimos, coçados na anca e nas mamas. Enfio em caixas de cartão as antigas roupas da gorda triste que sorriu ao longo do percurso, guardo-as no armário do quarto e adio a decisão. Uma de cada vez, conforme se vai conseguindo tomar. Ganho assim o tempo necessário para o distanciamento e desapego, porque o que fica longe da vista se vai inexoravelmente afastando do coração. Não está nas minhas mãos. É a lei da sobrevivência.

Depois da gastrectomia não fiquei nada mal! Vestida disfarço as imperfeições. Nunca terei um corpo como o da Tony, suficientemente esbelto

para agradar ao David, mas confesso que me tornei vaidosa, e digo a verdade por me custar desperdiçar a sua extrema pureza.

De vez em quando o elevador da casa dos papás, agora minha, avaria, e é necessário subir as escadas até ao sexto andar. Antigamente o esforço torturava-me, mas agora gosto. Subo-as como uma atriz que pisa os degraus do palco forrados a passadeira vermelha, sorrindo e acenando aos fotógrafos, e digo-me, “que vitória, Maria Luísa, e que proeza! Quem diria?!”.

O espelho do elevador costuma quebrar-se quando há mudanças no prédio. Aborrece-me, porque é nele que pinto os lábios, à pressa, a caminho do trabalho. Quando era gorda evitava verme refletida, mas hoje miro-me, usufruindo a minha beleza madura. Por vezes considero que perdi muito tempo, no passado, desgostando de mim, mas reformulo a ideia concluindo que o tempo perdido é tão verdadeiramente vivido na perdição como o que se pensa ter ganho na possessão. E volta o sossego.

Quando regresso a casa, a porta de entrada abre para um *hall* escuro, sem claridade. Atravesso-o

e, ao entrar em qualquer compartimento, recebo chapadas de luz impiedosa, quer na frente, virada a poente, quer nas traseiras, para nascente. A luz dói nos olhos. Custa-me suportá-la, mas amorna o espaço e alegra os dias. Quando me sinto triste telefono ao Leonel, que me faz rir com os seus planos para ainda termos filhos em conjunto. Digo-lhe, “homem, já entrei na menopausa”, mas ele responde que não faz mal, que “vamos à Califórnia, porque lá tudo se faz”. Ele e o companheiro que rem ser pais. Ficou-lhes o gosto da anterior tentativa frustrada. Sonharam com uma criança que não chegou a nascer. Explico-lhe que há coisas que não estão destinadas a acontecer, que não depende da nossa vontade. Estamos totalmente nas mãos da história que trouxemos inscrita para cumprir.